

CANTUÁRIA, Benedito Jesuel
FREITAS, Caio Manoel de
GAMBARO, João Pedro
TAVARES, Ivan Batista
FERREIRA, Daiane de Mello Souza

Jbenedito156.cantu@gmail.com
caioofof@hotmail.com
gambarojoao2005@gmail.com
ivanbatistatavares@gmail.com
daianedemello1@gmail.com

Acadêmico Curso de Psicologia
Acadêmico Curso de Psicologia
Acadêmico Curso de Psicologia
Acadêmico Curso de Psicologia
Docente Curso de Psicologia

INTRODUÇÃO

O suicídio é um ato de autoviolência no qual o indivíduo encerra especificamente a própria vida. A ideação suicida, por outro lado, refere-se ao desejo de pôr fim à existência sem que o ato fatal ocorra. Conforme apontam Lopes et al., (2022) a auto-aniquilação frequentemente requer pensamento, planejamento e é periódica pelas tentativas anteriores. De acordo com Gatti e Mendes (2020), o suicídio envolve diversas etapas, que incluem a ideação, o planejamento e, em muitos casos, a tentativa de consumação do ato. Na adolescência, devido as particularidades psicoemocionais dessa fase do desenvolvimento, há uma vulnerabilidade acentuada a essas influências negativas, destacando-se como um grupo de risco para sintomas relacionados aos transtornos mentais e comportamentos suicidas, conforme fundamenta Vieira (2023), que revisa o fato do cérebro adolescente estar passando por mudanças substanciais em termos de estrutura, função e conectividade. Essas transformações podem ter implicações para o comportamento, o processamento emocional e a tomada de decisões. Em uma análise contemporânea, Patiño (2014) argumenta que o capitalismo e o hedonismo moderno promovem uma cultura individualista, onde a busca por prazeres imediatos é priorizada em detrimento das relações interpessoais significativas. Assim corrobora Campos (2022), exemplificando como as redes sociais desempenham um papel central neste caso, pois, embora possam oferecer apoio social, também estão associadas ao mal-estar psicológico, incluindo sintomas depressivos, ansiedade e comportamentos autolesivos.



DESENVOLVIMENTO

De acordo com Lorenzon et al., (2021), as redes sociais promovem uma visão idealizada da realidade, onde os jovens se veem sob constante pressão para atingir padrões de sucesso e beleza inatingíveis, o que agrava o sentimento de inadequação e fragilidade emocional. Ainda segundo os autores, através de dados obtidos da Fundação Getúlio Vargas, 41% dos jovens brasileiros relacionam o uso de redes sociais a sintomas de tristeza, ansiedade e depressão. Um estudo feito por Freitas et al., (2021), constataram que o uso das redes sociais traz prejuízos à saúde mental de adolescentes, a compulsividade e dificuldade no controle do tempo de uso, extremamente adictos as mídias sociais, distúrbios de biopsicossociais, como: alienação; ansiedade; intolerância; isolamento; individualismo; depressão, se estendendo a casos extremos, como dificuldades de concentração, agressividade e suicídio. Segundo os autores Silva; Ramalho e Laport (2023) a alta frequência em que ficamos conectados, nos traz uma sensação de conquista e novidade que, progressivamente, intensificamos a busca e aquisição dessa sensação, isso ocorre porque nas redes sociais existem reforçadores positivos, ocasionando a liberação de dopamina, o hormônio do prazer.

Conseqüentemente contribuindo a alterações cerebrais, onde os neurônios passam a reduzir o número de receptores e produzir menos dopamina, induzindo a busca contínua dessa sensação prazerosa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, observa-se que a ruína do homem ocorre quando esse perde sua autenticidade, deixando de se apropriar em sua verdadeira identidade. Ele molda sua vida conforme os padrões coletivos, tornando-se parte de uma massa indistinta, desviando-se do propósito de se tornar uma versão autêntica de si mesmo. Em outras palavras, ele abandona o processo de autodescoberta e singularidade, moldando-se às expectativas externas. Nesse contexto, os sujeitos tendem a seguir padrões socialmente aceitos, ainda que estes não reflitam suas próprias aspirações ou autenticidade. Contudo, essa adesão não implica em uma verdadeira imersão ou identificação com o fluxo dominante, mas em uma conformidade superficial. As redes sociais, ao promoverem uma realidade idealizada e exigirem uma validação constante, atualizada para o aumento do vazio existencial e da ideação suicida entre os jovens. Dessa forma, aliados à cultura hedonista e à individualização fomentada pela globalização, os adolescentes tornam-se mais vulneráveis à desconexão emocional e à busca de soluções radicais para lidar com o sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, B. M. A. Os efeitos negativos das redes sociais na adolescência. 2022. Tese (Doutorado). DA SILVA, A. J. C.; RAMALHO, L. M.; LAPORT, T. J. Considerações sobre o vício dopaminérgico na adolescência através do uso das redes sociais e a intervenção cognitivo-comportamental. Revista Mosaico, v. 14, n. 3, p. 231-237, 2023. DE FREITAS, R. J. M. et al. Percepções dos adolescentes sobre o uso das redes sociais e sua influência na saúde mental. Enfermeria Global, v. 20, n. 4, p. 324-364, 2021. GATTI, P. V.; MENDES, A. I. F. As contribuições da terapia cognitivo-comportamental para a prevenção do suicídio em pacientes com depressão: revisão narrativa. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 16, n. 1, p. 83-91, 2020. LORENZON, A. J. G. et al. Impactos do uso excessivo de redes sociais na adolescência: uma pesquisa bibliográfica. Disciplinarum Scientia | Saúde, v. 22, n. 3, p. 71-82, 2021. LOPES, M. M. et al. As medidas governamentais de prevenção ao suicídio no Brasil têm sido efetivas? Research, Society and Development, v. 11, n. 11, 2022. PATIÑO, P. A. G. El vacío existencial en el sujeto posmoderno. Scielo, Medellín-Colombia, v. 41, n. 96, p. 425-444, dez. 2014. VIEIRA, P. P. Educação emocional também é fundamental: a experiência da metodologia STAR como um treinamento de habilidades socioemocionais para adolescentes. Universidade de Brasília, 2023.